



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CAMPUS DE SÃO JOÃO DOS PATOS - MARANHÃO CURSO
DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

ANDRESSA DOS SANTOS SOUSA

ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E GRAMÁTICA: UMA ABORDAGEM
SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II

SÃO JOÃO DOS PATOS - MA.

2024

ANDRESSA DOS SANTOS SOUSA

**ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E GRAMÁTICA: UMA ABORDAGEM
SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II**

SÃO JOÃO DOS PATOS - MA.

2024

Sousa, Andressa dos Santos

Ensino de língua materna e gramática: uma abordagem sociolinguística para o ensino fundamental II / Andressa dos Santos Sousa. – São João dos Patos, MA, 2024.

66 f

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus São João dos Patos, 2024.

Orientadora: Profa. Ma. Fabiana Costa de Sousa

ANDRESSA DOS SANTOS SOUSA

**ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E GRAMÁTICA: UMA ABORDAGEM
SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* São João dos Patos - MA, como requisito de nota parcial para aprovação da disciplina de TCC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Fabiana Costa de Sousa.

Aprovada em: 17 / julho / 2024

BANCA EXAMINADORA

Fabiana Costa de Sousa

Prof.^a Ma. Fabiana Costa de Sousa (UEMA)

Presidente (Orientadora)

Priscilla Barbosa Costa

1º Membro

Beticeia Pereira de Oliveira

2º Membro

Dedico este trabalho a Deus, minha força. A meus pais, Aureliana e Fredson, minha base e alicerce. À minha irmã Vanessa, minha preciosidade. Amo vocês até o infinito, esta conquista é nossa! À minha orientadora Prof. Mestra Fabiana Costa, exemplo de ser humano e de profissional. Grata por tudo, principalmente, por acreditar em mim!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter conseguido concluir mais uma etapa da minha vida acadêmica. Esta conquista é Graças a Ele. Nada seria sem a Sua sábia vontade! Agradeço à minha família, especialmente aos meus pais, Aureliana e Fredson, por sempre me apoiarem, incentivarem e auxiliarem meus estudos, a fim de que eu sempre alcance meus objetivos

À minha avó Marcelina, por me ajudar em todo processo de escrita acadêmica com seu exemplo de força e determinação. À minha irmã, Vanessa, por auxiliar e apoiar meus estudos. Minha gratidão também à minha tia Edilza, que faz parte desta conquista. Sempre me ajudou no que fosse preciso para que eu concluísse meu curso. Agradeço aos meus colegas da faculdade, especialmente, às minhas amigas:

Izadora, Vanessa, Keuane e Ana Herlinda, pelo apoio e incentivo de sempre.

À minha orientadora, e amiga, Fabiana Costa, por muito ter contribuído para esta pesquisa, és uma inspiração para mim!

Agradeço também, ao professor e amigo Abílio Neiva, que em muitos momentos, com suas palavras, incentivou-me a nunca desistir dos meus sonhos. Se cheguei até aqui, você foi um dos grandes responsáveis, gratidão por tudo, você sempre será meu professor de MILHÕES!

Agradeço à UEMA pela oportunidade de realizar este curso.

E, finalmente, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desta pesquisa, gratidão!

*“A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.
A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?”*

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar como a Sociolinguística pode contribuir para um ensino contextualizado e funcional da Gramática de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Para tanto, foi realizado um estudo de campo qualitativo, envolvendo três professores que atuam no referido nível de ensino. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com perguntas abertas. Os resultados permitiram uma análise das concepções de linguagem e das práticas docentes, com foco especial nas práticas de ensino de Gramática. A fundamentação teórica deste estudo epistemológico inclui autores como Antunes (2014), Travaglia (2009), Neves (2023) e Bortoni-Ricardo (2004), entre outros. É fundamental que o ensino de Gramática seja contextualizado, possibilitando aos alunos compreender que o que é ensinado na escola não está desvinculado de suas experiências de vida externas. Assim, este estudo justifica-se por oferecer à comunidade docente, especialmente aos que atuam na área de Língua Portuguesa, reflexões sobre a necessidade de dissociar o ensino de Gramática de regras e normas linguísticas unicamente padronizadas, que muitas vezes excluem as variedades linguísticas do contexto de ensino.

Palavras-chave: Sociolinguística; Língua Portuguesa; Gramática; ensino.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate how Sociolinguistics can contribute to a contextualized and functional teaching of Portuguese Grammar in Upper Elementary Education. To this end, a qualitative field study was conducted, involving three teachers who work at the aforementioned education level. Data were collected through interviews with open-ended questions. The results allowed for an analysis of language conceptions and teaching practices, especially focusing on Grammar teaching practices. The theoretical foundation for this epistemological study includes authors such as Antunes (2014), Travaglia (2009), Neves (2023), and Bortoni-Ricardo (2004), among others. It is essential that Grammar teaching is contextualized, enabling students to understand that what is taught in school is not disconnected from their external life experiences. Thus, this study is justified by offering the teaching community, especially those working in the field of Portuguese Language, reflections on the necessity of dissociating Grammar teaching from solely standardized language rules and norms, which often exclude linguistic varieties from the teaching context.

Keywords: Sociolinguistics; Portuguese Language; Grammar, teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	14
GT - GRAMÁTICA TRADICIONAL.....	45
PCNS - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM, LÍNGUA E ENSINO DE GRAMÁTICA	16
3 ENSINO DE GRAMÁTICA, ALÉM DAS NORMAS: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES	20
3.1 Ensino de Gramática e Sociolinguística nos documentos da educação Brasileira	24
3.2 Estudiosos da Sociolinguística e o ensino de gramática: construindo pontes.....	27
3.3 Contribuições da Sociolinguística na prática docente	30
3.3.1 Formação do professor: ensino de língua materna relacionada aos apontamentos da Sociolinguística.....	33
4 ABORDAGEM METODOLÓGICA	37
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A – FORMULÁRIO COM PERGUNTAS E RESPOSTAS DA ENTREVISTA REALIZADA COM OS TRÊS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	61

1. INTRODUÇÃO

A Sociolinguística surgiu no intuito de investigar a relação que existe entre a língua e a sociedade, especificamente, a fala. Ela examina como os diferentes fatores como: idade, gênero, classe social, etnia, educação, profissão, espaço geográfico, entre outros, podem influenciar no uso da língua, uma vez que, cada um desses fatores atribui características específicas para a utilização da língua em seus diferentes contextos de uso. Esse campo de estudo possibilitou ao ensino de Língua Portuguesa uma revolução, contribuindo para um melhor caminho a respeito do ensino de Gramática.

Destarte, ela estuda e leva em consideração as diversidades linguísticas presentes na sociedade e que são utilizadas em decorrência dos fatores internos e externos à língua, especialmente, na fala. Pois, os conhecimentos linguísticos prévios que os alunos já adquiriram no decorrer do seu crescimento são aspectos importantes para se levar em consideração no ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

Considerando que a não valorização dos aspectos linguísticos próprios dos alunos poderá acarretar menos interesse dos discentes sobre o ensino de Gramática da Língua Portuguesa, traçou-se, nesta investigação científica, a importância do trabalho consciente do professor sobre o ensino de língua materna e Gramática como apoio da Sociolinguística.

A língua materna é o primeiro idioma aprendido por cada indivíduo – compreende-se, neste estudo, que não se trata apenas da língua prescrita pela Norma Culta, mas aos dialetos, às expressões, aos sotaques adquiridos por cada indivíduo social –, é a primeira língua falada do ser humano, que conseqüentemente será a que terá maior domínio sobre sua comunicação no meio social.

Por isso, no momento da abordagem gramatical no âmbito escolar, é aconselhável didática e linguisticamente, que o professor saiba aproveitar tais conhecimentos linguísticos dos alunos e fazê-los pensar a respeito da sua língua falada, além de refletir sobre tais questões da língua e da Gramática.

Sendo assim, o fato de a língua materna predominar no contexto de comunicação, certamente, influenciará os educandos no desenvolvimento das suas habilidades em relação ao ensino das normas gramaticais. Geralmente, a variedade padrão, tenta “moldar” a língua, de acordo com suas regras e estruturas próprias. Porém, tentar unificar a língua por intermédio da Gramática é uma tarefa reducionista por ela não se ater às diversidades da língua, mas sim à tentativa de uniformizá-la.

Portanto, com apoio da Sociolinguística, é possível promover situações de reflexões sobre a fala e a sua relação com as normas gramaticais por meio de um ensino contextualizado. Assim, torna-se indispensável aos docentes, conhecimentos a respeito de fundamentos da Sociolinguística, que contribuirá para a melhoria do processo de ensino da Gramática, traçando uma discussão reflexiva, construtiva e contextualizada.

Logo, a Gramática e o ensino das variedades linguísticas precisam ser vistos com confluência, pois, por mais que sejam existentes distintas características, ambos são campos necessários de se trabalhar de forma mútua. Dessa maneira, a partir dessas reflexões, surgiu o problema ou questão-norteadora desta pesquisa: Como o ensino de Gramática pode ser construído pelo viés da Sociolinguística no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II?

A partir desse questionamento, construiu-se o seguinte objetivo geral para este estudo epistemológico: demonstrar como a Sociolinguística pode contribuir para um ensino contextualizado e funcional da Gramática de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II.

Para alcançar este objetivo geral, traçou-se como objetivos específicos:

- Entender as concepções de Gramática e suas abordagens de ensino;
- Esclarecer os desafios e implicações no ensino de Gramática, além da variedade padrão da língua, as orientações das normativas curriculares vigentes da educação brasileira para o ensino de Língua Portuguesa variacionista no Ensino Fundamental II, bem como as tentativas de conciliar o ensino de Sociolinguística ao ensino de Gramática e suas contribuições para a formação e a prática docente;
- Apresentar, por meio da investigação relacionada à experiência docente no Ensino Fundamental II, compreensões acerca do ensino de Gramática associada às diversidades linguísticas para um ensino funcional e contextualizado da língua.

Sendo assim, no decorrer desta pesquisa será analisada a visibilidade concebida à Gramática no processo de ensino e aprendizagem dos discentes e como ela está sendo inserida e abordada no contexto escolar.

Dessa forma, a justificativa deste estudo se concentra em apresentar importantes contribuições que a Sociolinguística possibilita ao ensino de Língua Portuguesa, enfaticamente, relacionada à Gramática. Além disso, esta investigação científica do ensino de Língua Portuguesa, aponta os possíveis problemas encontrados no ensino da norma padrão. O ensino inadequado afeta a formação do processo linguístico dos

discentes, ocasionando desinteresse dos alunos em relação à norma padrão. Por isso, academicamente, justifica-se também por contribuir com a formação de professores de Língua Portuguesa atuantes no Ensino Fundamental II.

No campo social, este estudo contribui oferecendo reflexões acerca de um ensino de língua materna que valorize e conscientize a própria sociedade sobre as diversidades linguísticas. Vale ressaltar, que existem pesquisas semelhantes a esta, porém, há a necessidade persistente de discussões acerca desta temática, devido à existência de constantes assédios e preconceitos linguísticos praticados e sofridos na sociedade contemporânea, resquícios de um ensino ortodoxo e normativo da língua em que se predomina a ideia de “certo” e “errado”, conforme orientações da Gramática Normativa (Bagno, 2007).

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, alguns principais autores a fundamentam, tais como: Antunes (2014) e Neves (2023), que trazem reflexões pertinentes para o ensino de Gramática e de Língua Portuguesa; Travaglia (2009), contribuindo com abordagens sobre as concepções de Gramática, língua e linguagem no ensino de Língua Portuguesa. E, Bortoni-Ricardo (2004), inserindo contribuições acerca da Sociolinguística Educacional.

Também, metodologicamente, esta pesquisa se configura como qualitativa em seus procedimentos, cujos dados foram levantados por meio de uma pesquisa de campo, coletados em entrevistas concedidas por três (3) professores de Língua Portuguesa atuantes no Ensino Fundamental II na cidade de São João dos Patos, Maranhão.

Esta monografia está estruturada em seis (6) capítulos. Acrescido das referências e apêndice, embora não sejam capítulos, são estruturas que se configuram como obrigatória e opcional em uma pesquisa científica. o primeiro capítulo se apresenta como “Introdução”, onde discorre-se sobre o tema da pesquisa, problema, objetivos, justificativa, metodologia e resumo da estrutura da pesquisa.

O segundo capítulo traz apontamentos sobre as concepções de Gramática e suas abordagens de ensino. O terceiro capítulo desenvolve esclarecimentos sobre os desafios e implicações no ensino de Gramática, apontamentos da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, além de contribuições da Sociolinguística para a formação docente e para o ensino de Gramática

A abordagem metodológica da pesquisa é apresentada no quarto capítulo, enquanto os resultados das entrevistas, dados da pesquisa, bem como suas análises, são apresentadas no quinto capítulo. No sexto capítulo, as considerações finais da pesquisa são apresentadas, trazendo considerações acerca dos resultados encontrados e recomendações para futuros estudos científicos. Segue-se, logo após as considerações finais, as referências que fundamentam este estudo e o apêndice, onde consta o formulário com as respostas dos professores na íntegra.

2 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM, LÍNGUA E ENSINO DE GRAMÁTICA

A Linguística é um ramo de conhecimento que estuda a língua como manifestação da linguagem. Saussure (1999) foi o primeiro a observá-la como objeto de estudo científico. Conforme Coelho *et al.* (2010, p. 13):

(...) Saussure é um marco da corrente linguística denominada estruturalismo, segundo a qual a língua (i) é tomada em si mesma, separada de fatores externos; (ii) é vista como uma estrutura autônoma, valendo pelas relações de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos. Ou seja, para Saussure, a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.

Em relação ao que foi exposto sobre a concepção de língua para Saussure, ele a toma como algo completo, distante de fontes externas a ela, desconsiderando os fatores que estão vinculados ao uso linguístico. A concepção de língua é diversa em detrimento das diferentes óticas de investigação do mesmo objeto investigativo. Antunes (2014, p. 23) demonstra uma perspectiva da língua que considera os fatores externos à língua. Ela diz:

Uma língua, qualquer língua do mundo, é um conjunto de recursos vocais (ou de recursos gestuais, como no caso das línguas de sinais) de que as pessoas dispõem para realizar seus objetivos sociocomunicativos em situações de interação umas com as outras.

No exposto acima, a língua é uma forma de comunicação entre os seres humanos, com a finalidade de estabelecer uma comunicação entre os falantes no momento de interação. Nessa linha de raciocínio, a concepção de língua como interação e uso social, reflete-se no ensino de maneira favorável, ansiando por uma restauração nas práticas voltadas para o ensino.

Conforme Marcuschi (2016, p.21), “a visão mais dinâmica e interativa da língua e a consideração de sua inserção em contextos sociais relevantes e de suas diversas formas de representação e manifestação têm trazido uma extraordinária renovação nas práticas de ensino”. Dessa forma, analisando tais concepções de língua e linguagem, Geraldi *et al.* (2011, 41) reflete que “A linguagem é uma forma de interação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana “. Assim, os autores enfatizam que a linguagem acontece por meio da interação entre os falantes, como ocorre com a nossa língua.

Relacionando a linguagem como interação e também defendendo esse posicionamento de ter a linguagem como uma prática feita em detrimento da relação com outros falantes, Antunes (2014 p. 18) conceitua interação da seguinte forma:

O conceito de “ interação “, como está sinalizado pela própria composição da palavra, aplica-se a toda “ ação “ “ entre “ dois ou mais sujeitos. Representa uma ação conjunta; uma atividade realizada por mais de um agente. No caso específico da linguagem verbal – que é o que nos interessa aqui – a interação, além de ser uma ação conjunta, é uma ação recíproca, no sentido de que os participantes exercem, entre si, mútuas influências, atuam uns sobre os outros na troca comunicativa que empreendem.

A pesquisadora destaca a questão da linguagem verbal como sendo resultado de uma ação conjunta e recíproca entre dois ou mais indivíduos. Ao refletir de forma crítica sobre a ideia de interação na língua e relacionando-a com o ensino de língua materna, observa-se que – na verdade – na prática, muitas vezes não acontece um ensino que contemple a interação social.

Existem concepções distintas do que seja língua. Especificamente, sobre como ensinar a língua para os seus próprios nativos ou não. Comumente, normalizou-se o ensino de Gramática como sendo sinônimo de estudar a língua, enquadrando-se em duas únicas vertentes: “certo” e “errado”. Costuma-se caracterizar ensino de língua materna como estudo das regras gramaticais e quem as domina, na fala e na escrita, é quem sabe Português. Travaglia (2009 p. 30) ressalta que é importante também ter conhecimento de que existem vários tipos de gramática e que o trabalho com cada tipo trará resultados diferentes à aprendizagem.

A respeito das concepções de Gramática, Travaglia (2009 p. 24) diz que “a Gramática é concebida como manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente “. Nesse sentido, a Gramática seria a mais adequada para se comunicar adequadamente. Para o autor, “A *Gramática Normativa* é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial” (Travaglia, 2009, p.30). Assim, esse tipo de gramática só privilegia a norma culta e não se volta para aspectos da variação oral.

Nessa mesma linha de pensamento, Travaglia (2009, p. 38) aborda alguns tipos de ensino de língua, um deles é o *ensino prescritivo* que “objetiva levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividade linguística considerados errados/inaceitáveis e, por outros, considerados corretos/aceitáveis”. Dessa forma,

esse ensino prescreve o que deve ser utilizado, intervém nas habilidades que já são adquiridas pelos indivíduos.

Outro tipo de ensino, segundo Travaglia (2009 p. 39), o *ensino descritivo* que “objetiva mostrar como a linguagem funciona e como determinada língua em particular funciona. Retrata habilidades já adquiridas sem procurar alterá-las, porém mostrando como podem ser utilizadas”. Nesse tipo de ensino, o conhecimento linguístico do discente é relevante e trabalha com todas as variedades linguísticas. O último tipo de ensino ressaltado por Travaglia (2009 p. 39), o *ensino produtivo*, busca ensinar novas habilidades linguísticas” ao discente. Tal ensino busca ampliar o uso da sua língua materna com novos conhecimentos.

Diante das propostas de ensino destacadas, os docentes podem analisar e atribuir práticas a esses ensinamentos se baseando nos propósitos que desejam alcançar em seus ensinamentos de Língua Portuguesa. No entanto, Travaglia (2009 p. 40) enfatiza que o *ensino produtivo* é o mais eficiente.

(..) Todavia tem sido consenso entre os estudiosos das questões ligadas ao ensino de língua materna que o ensino descritivo e o produtivo, sobretudo o segundo, são muito úteis para o aluno, mas que o prescritivo tem sido hipervalorizado e muito mais praticado nas aulas de língua materna em detrimento dos outros dois tipos, causando prejuízo na formação do aluno, em termos do conhecimento linguístico de que disporá em sua vida, sobretudo no que diz respeito à obtenção de uma competência comunicativa mais ampla, que é fundamental para viver melhor. Mesmo porque o ensino prescritivo que tem sido feito não tem conseguido nem mesmo seu objetivo de levar os alunos a terem uma competência que se considere satisfatória no uso das variedades culta e escrita da língua.

Diante do exposto, além de ressaltar que o *ensino descritivo* e, mais necessariamente, o *produtivo* são os ensinamentos mais indicados para o ensino de língua materna, o autor ainda destaca que, por mais que o *ensino prescritivo* seja o mais valorizado, ele não tem alcançado seu próprio propósito. Além de acrescentar, que esse tipo de ensino de língua meramente prescritivo, não deveria ser valorizado nas aulas de Língua Portuguesa e que se deve abrir espaço para outras práticas.

Destarte, percebe-se que existe uma real necessidade de reflexão sobre os tipos de ensino de Gramática utilizados nas aulas de Língua Portuguesa, pois, deve-se considerar, um ensino de língua materna que não coloque a Gramática como a única garantia de bom uso da língua. Mas sim, uma Gramática contextualizada que contemple um ensino produtivo. Antunes (2014, p. 47) afirma que a “Gramática contextualizada é gramática a serviço dos sentidos e das intenções que se queira

manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer “. Assim, uma Gramática que consista não somente de suas regras, mas uma que possa criar pontes entre outras formas com outras possibilidades de ensino de língua.

3 ENSINO DE GRAMÁTICA, ALÉM DAS NORMAS: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES

O ensino de Língua Portuguesa almeja preparar os discentes para conseguirem compreender sua própria língua e seus vários contextos de uso, porém, utiliza-se mais do ensino da Gramática, objetivando que os alunos tenham conhecimentos das regras normativas. Portanto, visa a reprodução de uma única variedade, a padrão.

Ensinar a língua materna, compreende desafios, especialmente, relacionados ao ensino de Gramática e à contextualização da língua. A fim de evidenciar alguns desses desafios, Menezes, Barbalho e Castanheira (2023, p. 29) abordam que:

O primeiro desafio acadêmico é dar mais enfoque para as práticas de ensino da educação básica. Muitas vezes, os currículos da área de Letras focalizam apenas as discussões teóricas, apresentando aos discentes as discussões mais recentes no campo científico, retomando perspectivas clássicas e sistematizando metodologias avançadas nas investigações da área, mas pouco articulam suas ideias ao impacto de todo esse debate na sala de aula.

Isto posto, identifica-se a existência de uma certa “carência” na própria formação dos professores de língua em relação à teoria e à prática. Porque será como efetivação da teoria na prática, que o professor irá perceber se tais teorias serão válidas em sua atuação. É pertinente salientar, que essa carência é recorrente não só no curso de Letras, mas em outras áreas de estudo.

Ainda pensando nos problemas voltados para a abordagem gramatical no ensino de Língua Portuguesa, cabe ressaltar uma atenção ao olhar que perdura sobre a atribuição de significado das aulas de Português. Como destaca Menezes, Barbalho e Castanheira (2023, p. 30):

Indo além das questões da relação entre a universidade e a escola, o ensino de gramática tem mais um desafio: o foco na tradição gramatical. Se perguntarmos a alguém em um ambiente não acadêmico o que é aula de português, não será surpreendente receber a resposta de que é uma aula de gramática, rotulada para designar a gramática tradicional. É ainda frequente que tenhamos um olhar majoritariamente centrado em exercícios de “identificar” e “classificar” os elementos e as expressões morfológicas e (morfos)sintáticas.

Assim, em virtude do ensino de Língua Portuguesa, geralmente, ser repassado de maneira sistemática, o único atributo associado a essa abordagem se configura apenas em “uma aula de Gramática”. Entretanto, o empecilho não é o tradicionalismo, mas se ater somente às atribuições gramaticais. Pois, as regras normativas não instruem sobre as escolhas linguísticas e o que as influem.

Diante do exposto, vale ressaltar que não é que a abordagem tradicional seja errônea, mas ela se limita somente às regras. Então, o fator a ser repensado é a forma que estão transferindo os saberes sobre essas regras. Sendo que, se forem transferidos com a intenção de ir, além dos conceitos gramaticais, apontando as causas discursivas, fonológicas, sociais e culturais, buscando esclarecer os diversos pontos de vistas que estão fora desses conceitos, certamente, as consequências serão positivas.

Assim, Menezes, Barbalho e Castanheira (2023, p. 32) apontam outro agente considerado desafiador: a escolha do material didático. É uma problemática, uma vez que, por mais que seja passado por avaliações, isso infelizmente não garante que o livro seja ideal ao público que foi destinado. O mais preocupante ainda é que existem escolas que impõem ao professor a obrigação de seguir as orientações presentes nos livros fornecidos. Isso acaba limitando a autonomia do docente e também dos alunos. Destarte, um olhar sociolinguístico atrelado às práticas pedagógicas do profissional da educação proporcionará a aquisição de melhores tratamentos voltados à língua materna e aos apontamentos gramaticais. Tendo em vista que essa aplicação Sociolinguística proporcionará reflexões necessárias para o contexto escolar.

A Sociolinguística é a área de conhecimento linguístico que trará melhores meios de intervir na possibilidade de uma abordagem inadequada da Gramática. Pois, o ensino gramatical deve ser cobrado, mas de maneira consciente. Focar somente no ensino das normas gramaticais, desconsiderando as demais variedades existentes e circulantes nas vivências diárias dos estudantes consequentemente ocasionará em um ensino não motivante.

Ressalta-se que é justamente nesse ambiente que são apresentados aspectos linguísticos diversos e que precisam ser analisados pelos educadores. Em consequência disso, Bortoni-Ricardo (2004, p. 25) salienta que:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Essas regras podem estar documentadas e registradas, como nos casos de um tribunal do júri ou de um culto religioso ou podem ser apenas parte da tradição cultural não documentada.

Pode-se afirmar que, em razão desses domínios sociais, o seu posicionamentolinguístico pode ser alterado, de acordo com o contexto ou situação de uso linguístico, especialmente, na fala. Em virtude desses contextos, ocorrerá fiscalização por parte dos usuários da língua/fala, principalmente, em contextos ou situações formais de seus usos.

O que não é costumeiro em um ambiente mais familiar ou de informalidade, no qual existe uma maior predominância de muitas variações linguísticas. Essa reformulação ou adequação da linguagem acontece com o próprio educador e seus alunos. É exatamente nesse sentido que se torna necessário o reconhecimento dessas modalidades de uso.

A princípio, o professor por adquirir tais conhecimentos a respeito dessas modalidades, consegue estabelecer um certo domínio sobre elas. O que deve ser adquirido, também pelos discentes, essa capacidade de adaptação discursiva por intermédio da conscientização linguística na sala de aula.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 42) cita os comportamentos mais adequados que o educador deve aderir ao se deparar com os alunos, que fazem o uso não padrão da língua/fala. Ela destaca que o mais viável é encontrar a diferença e conscientizar sobre ela. Pois, o tratamento inadequado dessas diferenças pode levar o indivíduo a se sentir inseguro e desinteressado.

Com isso, diante desses múltiplos cenários sociais, percebe-se que o professor precisará repensar em outras maneiras de ensino. Se atentar que os alunos podem ser de diferentes classes sociais e, por esse aspecto, não conseguem entender de maneira positiva a norma padrão e, muitas vezes, ele necessitará adequar sua linguagem para repassar seus ensinamentos, porque não adianta de nada o docente saber todas as regras gramaticais se ele não conseguir repassar tal saber.

O estudo das demais variedades linguísticas pode ser estimulado por meio da Sociolinguística, que conforme postula Pereira *et al.* (2023 p. 33838) é o ramo da linguística que:

(...) estuda de forma sistêmica o comportamento da linguagem, interna e externa, e as relações entre língua e sociedade, fornecendo insumos para o desenvolvimento didático linguístico, que dentro do contexto escolar, especialmente no ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, possibilita a compreensão de diferentes fenômenos que se aplicam nas várias manifestações da língua.

Por isso, ao estudar a Língua Portuguesa, será mais viável que exista um maior entendimento sobre os fenômenos existentes na nossa língua, auxiliando assim, para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos.

Dessa maneira, é perceptível as mudanças recorrentes na construção da língua, muitas vezes, são em decorrência da classe social, um influenciador direto no discurso linguístico do ser humano. Pois, se você é pertencente a uma classe social menos privilegiada, sua linguagem pode transparecer isso, colocando-o como inferior às outras variedades existentes. Como aborda Bortoni-Ricardo (2004, p.33 - 34):

Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas.

Portanto, por apresentar um convívio mais direto com a área urbana, o indivíduo pode possuir um desempenho linguístico mais próximo da realidade gramatical. Por esse motivo, se tornam mais “coerentes” os que são pertencentes às zonas urbanas ou pertencentes a contextos favorecidos na sociedade. O que não ocorre com uma mesma pessoa que reside em zona rural ou desfavorecida de privilégios sociais, que é mais perceptível a utilização de uma linguagem menos rebuscada, com usos marcantes de gírias.

Nesse sentido, a Sociolinguística é a fonte de direcionamento nas aulas de Língua Portuguesa para o equilíbrio entre o uso da linguagem e da Gramática, proporciona meios mais eficientes para enfrentar possíveis desafios voltados para o ensino de língua materna. Pois, os traços linguísticos de cada indivíduo (fatores externos ou internos) são significativos e representam a identidade e cultura de cada um.

Além disso, perpetua-se na escola, que a modalidade escrita formal é o uso mais adequado da língua, desprivilegiando a outra modalidade da linguagem verbal, a fala. Tendo em vista que a fala aceita as discordâncias gramaticais, portanto, não é considerada relevante para o ensino de Língua Portuguesa. Assim, o foco central se encontra na modalidade escrita, por ser considerada de prestígio. Acerca disso, Neves (2023, p. 44 – 45).

A marcada imprecisão que se observa no equacionamento das relações entre fala e escrita nas escolas talvez possa ser apontada como um dos maiores

fatores dos maus resultados do ensino de língua materna, tanto no que se refere ao desempenho eficiente quanto no que se refere à adequação da linguagem aos padrões socialmente valorizados. Ignora-se a diferente natureza das duas modalidades, ignorância que parte da diferença básica entre a coautoria que caracteriza a produção falada típica - a conversação - e a responsabilidade pessoal e individual do texto escrito.

Assim, percebe-se a existência de um desencontro entre a língua escrita e a língua falada, tornando-se mais um fator prejudicial para o ensino de língua materna. Esse desencontro é inerente à ausência ou poucas discussões entre as duas modalidades, já que numa conversação as concordâncias gramaticais não são persistentes, o que diferencia da escrita que se configura em muitas padronizações. Dessa forma, a falta dessa reflexão implica a desvalorização da fala e exaltação da escrita como se a fala não pudesse se tornar também um objeto de estudo.

É papel da escola assegurar que as modalidades, falada e escrita ocupem espaço nas escolas, além de ser responsabilidade da escola que os usuários da língua materna tenham a garantia ao exercício da norma padrão que é encontrado fora do seu contexto de uso (Neves, 2023, p. 94), porém sempre garantindo espaços para reflexões e discussões acerca das demais variedades linguísticas. Para que isso seja garantido, muitas vezes, é necessário que as políticas públicas educacionais formulem diretrizes, currículos e normativas de ensino.

3.1 Ensino de Gramática e Sociolinguística nos documentos da educação Brasileira

O ensino de Língua Portuguesa contextualizado aos diversos usos linguísticos, além da Gramática, pelo viés da Sociolinguística, vem ganhando espaço nos documentos da Educação brasileira e isso repercute de maneira consciente para que os professores e atuantes no âmbito da educação, trabalhem com um ensino mais contextualizado e reflexivo levando em consideração a fala dos discentes que não têm conhecimento das regras normativas em detrimento de questões sociais. A esse respeito podemos ver que Coelho *et al.* (2010 p. 149) diz:

[..] os PCN abordam a questão das variedades dialetais e salientam o problema do preconceito linguístico advindo do valor social atribuído às formas variantes da língua, especialmente àquelas formas linguísticas usadas por falantes que não gozam de prestígio social na comunidade onde vivem.

Conseqüentemente, o aluno que vive em um âmbito de pouco prestígio econômico, estará mais apto a não seguir a norma padrão. Fato que contribuirá para

o preconceito linguístico na sociedade. A reflexão consciente dos discentes sobre essas perspectivas de vida, que influenciam diretamente na sua utilização linguística, é de grande valor para que se possam estabelecer diálogos não preconceituosos na sociedade.

Até porque, não se pode negar que o Brasil é um país diverso em relação a utilização da língua, apesar de existir uma utilização única como a mais indicada, não se é possível passar despercebido a gama de variações linguísticas no país. Como bem aponta os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa):

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (Brasil, 1998, p. 29).

Assim, em virtude dessas muitas transformações que a língua sofre, é indiscutível a ideia de que desconsiderar tais questões seria negar a identidade linguística dos falantes. Questões que são apontadas como um fator pertencente a eles, e que não devem ser despercebidos no ensino de Língua Portuguesa.

Para que o ensino estabeleça relações entre o que o aluno já conhece e utiliza, em virtude de suas vivências, é oportuno que no propósito de ensiná-los a adquirir competências relacionadas a fala e a escrita, não ocorra a imposição do que seja mais certo. Mas, capacitá-los à utilização desses recursos, como aborda os PCNs (Brasil, 1998, p. 31):

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber quem o modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa - dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

Nesse sentido, se existe uma concepção de erro sobre o uso da fala, em decorrência de ter como padrão as normas gramaticais, o ensino precisa ser

repensado para, então, propiciar um ensino em que os alunados entendam que, dependendo do contexto, sua fala pode variar.

Assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) defende e ressalta, em algumas de suas orientações, que o ensino de Gramática deve ser posto, considerando a utilização da fala. O próprio documento reconhece que o processo de construção da língua está em constante evolução, e que no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental são pertinentes abordagens que propiciem a reflexão sobre tais mudanças. Como coloca-se na BNCC:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguísticas e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (Brasil, 2018, p.81).

Dessa maneira, a fala dos indivíduos também se modifica por múltiplas Influências. Essas transformações precisam ser analisadas com o mesmo foco que é dado à norma padrão da Língua Portuguesa. Pois, por meio dessas análises, será mais provável que exista uma compreensão necessária sobre os fenômenos pertencentes às variações linguísticas,

Assim, destacando algumas das competências para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, a BNCC destaca sobre a importância dessa compreensão. “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (Brasil, 2018, p.87).

Sob essa mesma perspectiva de compreensão dessas diferentes realidades linguísticas, a BNCC (2018, p. 87) destaca em outra competência “Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem”, porque a língua é parte constitutiva da identidade dos indivíduos.

Inclusive, o próprio documento declara a importância da escrita formal como aspecto de protagonismo e autonomia social, ao afirmar que:

Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar

suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social (Brasil, 2028, p. 87).

Diante disto, apreende-se que a escrita formal tem seu valor diante da sociedade, assim como as demais variedades linguísticas. Ainda nesse contexto, a BNCC ressalta, em uma das suas várias habilidades, que as variedades linguísticas da língua falada, devem ser reconhecidas, como afirma a habilidade (EF69LP55): “Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico” (Brasil, 2018, p.161). Não só as variedades, mas também a concepção de norma-padrão e o preconceito linguístico existente.

Dessa maneira, além de reconhecer tais questões, é preciso utilizar de forma cautelosa o uso da Gramática, pois, conforme a habilidade (EF69LP56) é preciso “fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (Brasil, 2018, p.161). Assim, é primordial que as relações entre fala e escrita sejam postas em análise e discussão. Para que dessa forma, o uso adequado de ambas seja entendido pelos alunados. E, assim, poderão construir seus conceitos sobre a Gramática e seus conhecimentos linguísticos de maneira consciente. Essa forma consciente de ensinar e aprender a Língua Portuguesa pode ser desenvolvida por meio dos fundamentos da Sociolinguística na escola.

3.2 Estudiosos da Sociolinguística e o ensino de gramática: construindo pontes

Foi a partir do século XX que começaram a surgir autores que tinham uma visão contra as correntes estruturalistas da língua e, assim, outros ramos de estudos linguísticos surgiram, visando ter como objetos de investigação científica, a própria linguagem verbal, porém em seus aspectos de uso.

A Sociolinguística é um desses ramos que, a partir da década de 60, com estudos de teóricos como Meillet (1948), buscou e busca compreender a língua como fato social e, conseqüentemente, reconhece as variações da língua, especificamente, da fala e que, portanto, estão relacionadas ao meio social por questões externas (Coelho *et al.*, 2010, p.16).

O estadunidense William Labov (2008), reconhecido como o pai da Sociolinguística, apresenta o estudo da fala relacionada ao contexto social. Proposta

que se assemelha com algumas ideias de Meillet. Diante do exposto, Coelho et al.(2010, p. 22) propõe um novo olhar para a estrutura das línguas:

O ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. Com efeito, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade, e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala[...].

Sendo assim, Labov defende que a língua faz parte do contexto social, portanto, está diretamente relacionada aos fatores não somente internos, mas também externos à língua. Dessa maneira, não se pode desvincular os dois fatores, pois estão relacionados e provocam as mudanças linguísticas, assim, a fala, como manifestação da linguagem é heterogênea.

Diante dessas reflexões, a Sociolinguística, por considerar a heterogeneidade da fala e as mudanças linguísticas decorrentes do uso, possibilita, então, reflexões acerca do preconceito linguístico. Pessoa dos Santos e Aragão (2020, p. 309) postulam que a Sociolinguística é:

uma área de estudo que busca investigar a língua em uso nos contextos social e cultural. Desse modo, pode-se afirmar que a Sociolinguística observa e examina a relação entre língua e sociedade, investigando, por efeito, o uso da linguagem na sociedade, em especial, suas marcas de natureza heterogênea, visto que a diversidade é inerente à linguagem humana

Diante do exposto, é possível extrair que a Sociolinguística, assim como seus estudiosos, leva em consideração o contexto social que os sujeitos sociais estão vivenciando, pois, esse mesmo contexto irá influenciar seus usos linguísticos. Por esse aspecto, ela permitirá ao professor que observe como a Gramática se estruturano contexto diário dos seus alunos.

Em vista disso, acreditar na língua como fator social que progressivamente pode vir a sofrer mudanças, mas que carrega todo o seu histórico consigo, é aceitá-la como parte indissociável do social. Assim, é também propor abordagens gramaticais que levem em consonância a aquisição desses acontecimentos. Como Antunes, (2014, p. 24) assevera:

Por sinal, toda língua é uma entidade eminentemente social, partilhada, compartilhada. Dependente de todo o traçado que fez a história passada de um povo e, ao mesmo tempo, sinalizante dos rumos que acontecem no presente ou que podem acontecer no futuro, como se fosse uma linha sem rupturas. O trabalho pedagógico com a linguagem, portanto, não pode afasta-se dessas concepções e concentrar-se em atividades de mera identificação de categorias linguísticas, em atividades que, na prática, não tenham uma

finalidade comunicativa específica, não tenham em vista um determinado interlocutor, inserido em certo contexto e, que, por isso mesmo, não se conformem a nenhum gênero, oral ou escrito, ou a nenhum suporte.

Dito isto, trabalhar com a linguagem por meio de exercícios descontextualizados, sem nenhum direcionamento, além de orientar aos alunos a simplesmente identificar ou classificar o que se pede nas atividades propostas, só reforça a centralidade da Gramática que é por muitos imposta, fazendo com que todoo dinamismo da linguagem seja deixado de lado.

Por esse motivo, a reformulação da prática metodológica precisará ser posta em análise, uma vez que, essa postura não propicia a valorização necessária que a linguagem merece, pois ela é vinculada a fatores históricos e sociais, que são questões externas da língua, mas que corroboram diretamente no processo de desenvolvimento linguístico.

Coelho *et al.*, (2010, p. 16) aborda que, na visão de Bakhtin, as palavras são aptas a sofrerem mudanças em detrimento do uso e baseado no contexto real dos indivíduos que, muitas vezes, sofre adequação e monitoração estilística no momento de uso.

Sousa e Anagonou (2020, p. 155) reiteram que o ensino da Gramática não deve ser imposto como exercício de memorizar as nomenclaturas gramaticais, mas sim, como ponto de partida para reflexão provocada aos alunos. A Sociolinguística permite o ensino de Gramática que propicie a reflexão dos usos da língua em sociedade.

Antunes (2014, p. 148) assevera que “uniformizar” a língua era uma forma de favorecer a nobreza e o clero, classes econômicas e sociais, que nos séculos anteriores eram mais prestigiados economicamente. Assim, os demais que não tivessem fazendo parte desse meio social eram considerados usuários de uma língua pobre, sem prestígio que não se pode imitar. Ideia que, lamentavelmente, ainda é presente nos dias atuais, porém, a autora sustenta-se em dizer que a ideia de que a linguagem venha a ser compreendida com toda sua profundidade precisa ser vista.

As práticas que insistem em propor um ensino da Gramática sem nenhuma base linguística, simplesmente com a falsa ideia de que por meio desse conhecimento o indivíduo estará capacitado a exercer fluentemente sua própria língua, já deveriam ter sido abolidas do meio acadêmico, especialmente, na Educação Básica. Esse “aprender gramática” só desprivilegia o que o indivíduo já adquiriu, por meio do convívio com outros falantes que pertencem ao seu contexto de vida.

Pois, será por meio dessa troca de falares que o ser humano irá, inicialmente aprender a língua, mas sem enquadramentos ou regras gramaticais, porque tal saber será ainda adquirido sem o contato direto com o ensino gramatical, o que não deve significar dizer que essa língua internalizada não seja válida. Antunes (2014, p.32) aponta que:

Ou seja, a gramática é parte da atividade discursiva o que faz dela condição necessária a qualquer atividade verbal. No entanto, não me parece que seja demais reafirmar que a gramática mesmo sendo necessária, não é suficiente: ela é parte, apenas, da atividade discursiva. O que significa dizer que, se é verdade que não falamos sem gramática, também é fato que não falamos apenas com gramática.

Portanto, a Gramática e, conseqüentemente, a sua proposta de ensino não deve ser tida como o mais eficiente a ser explorada no ensino de Língua Portuguesa. Não que não seja crucial, pois, ela deve sim ser repassada e estudada. Porém, somente ela, individualmente, não é capaz de abranger todos os contextos comunicativos e sociais. Pois, ela faz parte de um todo, mas não é inteiramente a mais válida.

3.3 Contribuições da Sociolinguística na prática docente

A atribuição da Sociolinguística no processo de formação inicial e continuada dos docentes de Língua Portuguesa é necessária para construir novas pontes de estudos, visando o crescimento comunicativo do aluno dentro e fora do ambiente escolar. O professor necessitará do apoio da Sociolinguística para orientar esse caminho de relação dos conhecimentos linguísticos escolares e suas vivências externas à escola. Sobre isso, Pessoa dos Santos e Aragão (2020, p. 320) afirmam que:

A Sociolinguística, estabelecida pela heterogeneidade da língua, mostra-se, atualmente, como uma das áreas da Linguística mais fértil. É possível notar, ainda, sua importância aplicada ao ensino, enquanto Sociolinguística Educacional, uma vez que fornece subsídios aos docentes em torno dos estudos da língua, levando-os a contribuir expressivamente nas aulas de Português.

Posto isso, são inúmeras contribuições da Sociolinguística desde o desenvolvimento das aulas de Português até às questões cognitivas, pois, o professor contribuirá para a formação acadêmica, pessoal, o desenvolvimento crítico e reflexivo dos discentes.

Dessa forma, o professor terá uma visão mais clara sobre essa noção de “erro”. Assim, os aspectos relacionados à padronização da Gramática e os conhecimentos linguísticos precisam ser explorados. A esse respeito, Pereira *et al.* (2015, p.7) comentam que:

No que concerne às questões presentes na gramática, vale destacar que muito mais do que ser regras a serem seguidas, as normas presentes naqueles compêndios são mais um exemplo da variação linguística nas diferentes situações de comunicação. Porém, não é raro que na escola, a gramática seja utilizada para classificar as variações da língua, mesmo em contextos de comunicação orais em torno dos rótulos “certo e errado”.

Em virtude do que foi apresentado, o professor deve refletir sobre essa noção do que é “certo ou errado “. Desconsiderar os valores linguísticos presentes em cada indivíduo e se pautar apenas em aspectos gramaticais resultará em uma avaliação descontextualizada. E não adianta o professor fazer uso de uma linguagem rebuscada de acordo com a norma padrão, se essa linguagem não está inserida no contexto de fala do aluno, porque eles não irão compreender a abordagem.

Sobre essa percepção de certo ou errado, Neves (2023, p. 155 - 156) pontua que o que se considera certo o outro conseqüentemente é posto como errado. Nessa configuração, sempre será necessária uma fonte precisa que garanta tais afirmações. Pois, o que existe são diferentes contextos para diferentes usos. E a escola tem outras obrigações, além do ensinar a norma culta.

A noção de que a Gramática é a única e absoluta forma correta de se falar e escrever, precisa ser repensada e o ensino também ser reconstruído, visando trazer uma aprendizagem consciente da língua falada e da escrita, sem desconsiderar a linguagem própria dos indivíduos. Considerar ambas modalidades da linguagem verbal é de grande relevância para o ensino de Língua Portuguesa.

Nesse viés, a fala, assim como a escrita, estão em constante processo de evolução, com o passar do tempo novas palavras surgem e outras são deixadas de lado, a heterogeneidade é um fato. Tanto a fala quanto a Gramática, precisam ser vistas de formas iguais em relação a níveis de importância e valorização. A esse respeito, Coelho et al. (2010, p.24) destaca que:

Então, mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a língua é dotada de heterogeneidade estruturada, portanto há regras, sim. Só que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes (i.e., que sempre se aplicam da mesma maneira por todos) a

língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis.

Logo, de modo particular, assim como a Gramática, a língua também tem suas próprias regras. Porém, tais regras são feitas de maneira heterogênea e não homogênea como se é colocada pela Gramática. No sistema heterogêneo da língua, suas regras são variáveis e dispensam as formas categóricas ressaltadas pela norma padrão.

Ainda sobre essa heterogeneidade, aspecto predominante no uso da língua. Neves (2023, p.117) salienta que buscar a linguagem como heterogênea e não homogênea é um fator crucial, uma vez que, a linguagem é múltipla e alterável, tratá-la como sistema homogêneo seria desconsiderar tais mudanças.

A língua faz parte do contexto social e por meio dela nos tornamos capazes de expressar e compartilhar nossa cultura, região, ou até mesmo nossa identidade, assim, é essencial saber valorizar nossas marcas linguísticas e reconhecê-las como partes das nossas vivências.

Cazarotti e Miranda (2019) concluem que é imprescindível a utilização da Sociolinguística para beneficiar o ensino de Língua Portuguesa, colaborando para a análise do olhar de superioridade que é colocado na utilização da Gramática, assegurando assim, uma melhoria no ensino. Visto que, esse campo de estudo admite a verdadeira situação linguística dos membros da sociedade, concebendo relevância aos seus diversos contextos de utilização da língua, não considerando somente as fontes gramaticais.

Portanto, são ligamentos nítidos, a língua e a sociedade. Saber considerar a língua internalizada de cada sujeito é de grande relevância. Dependendo da região ou contextos específicos, tais usos podem variar de uma forma mais padronizada a menos formal. A Sociolinguística propiciará o conhecimento sobre essas padronizações e como as utilizar de acordo com o contexto específico.

A Sociolinguística possibilita aos professores uma melhor abordagem gramatical, tendo em vista que existem inquietações a respeito dessa abordagem. Uma delas é a inquietação acerca de que Gramática seria essa e como trabalhar ela em sala de aula, uma vez que, embora existam auxílios propostos pela Sociolinguística, ainda assim, existem dificuldades que persistem no ensino de Língua Portuguesa. Neves (2023, p. 128) responde que:

Não é necessária muita argumentação para que se assegure - também nisso insisto - que ensinar eficientemente a língua - e, portanto, a gramática - é, acima de tudo, propiciar e conduzir a reflexão sobre o funcionamento da linguagem, e de uma maneira, afinal, óbvia: indo pelo uso linguístico, para chegar aos resultados do sentido. Afinal, as pessoas falam - exercem a faculdade da linguagem, usam a língua - para produzir sentidos, e, desse modo, estudar gramática é, exatamente, pôr sob exame o exercício da linguagem, o uso da língua, afinal, a fala.

Em vista disso, é proposta uma Gramática que contemple, além das estruturas gramaticais, incluindo a norma padrão no contexto de uso da língua materna dos educandos. A escola é o espaço propício para iniciar essas discussões e reflexões sobre os usos da norma padrão.

Essa abordagem deve partir dos usos, para depois se estender a todas as estruturas propostas pela Gramática, como a utilização adequada dos tempos verbais, as regras de pontuação e todas as regras determinadas pela Gramática, que precisam ser fundamentadas com as atribuições que a Sociolinguística proporciona.

Acerca disso, Neves (2023, p. 157) enfatiza que a escola é o ambiente mais apto a oportunizar aos discentes o contato com os usos mais prestigiados da língua. Esse contato precisa ser feito com a convicção que esse saber é tão comum, quanto outros existentes, que todos podem apoderar-se de tal saber, para que sejam capacitados a usarem adequadamente nas várias situações de comunicação.

3.3.1 Formação do professor: ensino de língua materna relacionada aos apontamentos da Sociolinguística

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa contextualizado, certamente, os professores necessitaram de uma bagagem teórica que fundamente suas aulas. Caso contrário, essa questão da variação linguística poderá ser considerada um problema. Como bem aponta Pereira *et al.* (2023 p. 33842):

Para muitos educadores em língua materna na atualidade, a variação linguística é considerada algo problemático de se trabalhar. Essa complexidade se dá em consequência do fenômeno de mudança que é subjacente à língua. Com isso, pode-se perceber a existência de uma imensa dificuldade de relacionar essa pluralidade discursiva com o que se escreve e o que deveria ser escrito, ou até mesmo o que se fala e o que deveria ser falado. Faltando assim, uma real reflexão sobre o verdadeiro conceito de variação, definida por esse profissional e, por isso, consequentemente cria uma ideia de “erro” que gera o preconceito linguístico.

Em virtude do que foi colocado, nota-se que ainda é presente essa percepção de problemática voltada para as variações linguísticas, justamente pelo fenômeno de

mudança que elas sofrem, dificultando, assim, o trabalho dos profissionais que devem ensiná-las de forma didática. No que diz respeito à maneira de como devem relacionar tais questões: fala e escrita na sala de aula, especialmente.

Em vista de tais dificuldades, Pinto e Ribeiro (2018) defendem que os docentes de Letras, desde a sua formação inicial precisam ter garantidos mais que conhecimento teórico-científico e metodológico em relação a como trabalhar com a variação linguística no ambiente escolar. É necessário que sejam orientados a terem consciência linguística desde a sua formação inicial.

Pois, o trabalho com a Sociolinguística em sala de aula precisa ser bem estabelecido e fundamentado. Para isso, tais fundamentos devem ser transferidos aos docentes, ainda na Universidade para que, quando se depararem com os vastos fenômenos linguísticos, não haja estranhamento ou receio de lidar com tais fatores. Mas, infelizmente, existem profissionais que saem despreparados, como apregoa Pereira, *et al.* (2023 p. 33844):

Ao iniciarmos nossa reflexão sobre a concepção da Sociolinguística na formação do professor, pode-se afirmar que muitos desses profissionais saem das universidades se sentindo incapazes de desenvolver aprendizagem com seus alunos no que se refere aos conceitos associados ao processo funcional da língua, apontados nas teorias da Sociolinguística.

Mediante a afirmação dos autores, compreende-se que é alerta sobre como pode estar ocorrendo a abordagem das teorias Sociolinguísticas nas Universidades, inferindo, assim, que necessita de uma atenção para a forma como está ocorrendo a transposição dessas teorias.

Pois, como elucidam Pinto e Ribeiro (2018 p. 113), o ensino de Língua Portuguesa precisa considerar as variedades linguísticas dos alunos, simultâneo ao ensino da norma padrão. E, assim, possa ocorrer – de fato – uma mudança na vida dos educandos por intermédio da educação.

Em relação a esse ensino, possivelmente, a não consideração das variações linguísticas pode ter relação com o que já se reproduz há muito tempo nas instituições brasileiras. Diante do exposto, Pereira *et al.* (2023 p. 33846):

Por vários anos, as instituições de ensino brasileiras acreditavam que o ensino de Língua Portuguesa tinha que ser seguido dentro da ordem do ensino prescritivo da língua, isto é, um ensino voltado diretamente às questões estruturais (morfológica, sintática, semântica ou fonológica), na qual se tem uma concepção de língua como algo completo e acabado.

Infere-se que insistentemente o ensino durante muito tempo foi apenas prescritivo. Um ensino de língua que deprecia o que pode ter contribuído para a fomentação de que a Gramática é unicamente a melhor forma de construção linguística.

Um ensino de Língua Portuguesa que vai além das prescrições de regras gramaticais só será possível, se no processo de formação, as devidas questões linguísticas forem postas em evidência, de acordo com seu uso. Acerca disso, Raminho, Silva e Brito (2021, p.129) assevera que:

Havendo uma formação de professores de Língua Portuguesa a considerar a multiplicidade de linguagens que a eles compete o ensino, vislumbra-se também uma atuação neste sentido, correspondente. Disso depende o processo formativo como educação para a vida, educação para um futuro que já começou e que compete aos processos formativos escolarizados – da Educação básica à superior – acompanhar este tempo por meio de suas propostas educativas. Assim se oferece uma educação em que de fato o/a aprendiz é o centro da aprendizagem.

Assim, compreende-se que o alcance desse resultado, a favor da valoração linguística, será concebido desde que isso seja refletido e analisado na sua profissionalização. Uma consideração que, de fato, vai em concordância com uma aprendizagem e que considere o indivíduo como centralidade no desenvolvimento das suas aprendizagens.

Dialogando com o que foi exposto anteriormente, Coelho *et al.* (2010 p. 153) afirma que “[...] É preciso ter um embasamento teórico consistente acerca da linguagem em seu funcionamento social para poder atuar, de forma competente, na orientação da aprendizagem e na formação contínua do aluno-cidadão “. Tal condição deve ser atribuída no contexto de sua formação, valendo-se de que, é nesse contexto que o professor deverá ter mais possibilidades de adquirir maiores embasamentos teóricos.

Dessa maneira, necessita-se - urgentemente - que novas propostas de ensino sejam instauradas, para que assim, surjam bons profissionais e, conseqüentemente, bons alunos. Como elucida Raminho, Silva e Brito (2021, p. 130):

Urge que à formação inicial de professores de língua materna e ao ensino sejam instituídas normativas e políticas públicas que abordem, com o aprofundamento necessário, a multimodalidade e os multiletramentos da linguagem no Brasil. Uma abordagem da qual emergem caminhos para pensar a formação inicial de professores com vistas à formação de bons/as formadores/as de leitores/as proficientes na educação linguística.

Perante ao exposto, nota-se que existe uma real necessidade de priorização à formação docente de Língua Portuguesa. Assim, essas mudanças podem acontecer mediante esforços de políticas públicas e instaurações de normativas que visem um ensino de língua materna que promova reflexões acerca do uso e funcionalismo da língua.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

No que concerne aos meios utilizados para a efetivação da pesquisa, foi necessária uma pesquisa de campo, na qual o pesquisador precisa ir em busca de informações para resolver seu problema, acerca do seu objeto de pesquisa. Como Marconi e Lakatos (2003 p. 186) abordam que:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Por meio da pesquisa de campo foi possível estabelecer uma análise mais direta sobre a proposta da pesquisa, o que corroborou para uma melhor interpretação do problema proposto. Ademais, a pesquisa também é bibliográfica. Segundo Marconi e Lakatos (2003 p. 183) é uma pesquisa que engloba todos os estudos já publicados sobre o tema de estudo, de artigos a monografia entre outros. Tendo como propósito de colocar o pesquisador a buscar conhecer as produções de tudo o que se deseja pesquisar. Dessa maneira, fundamentou-se toda a investigação epistemológica.

Além disso, vale ressaltar que este estudo científico também é qualitativo, que de acordo com Gerhardt e Silveira (2009 p. 32), a pesquisa qualitativa não é voltada para os aspectos que podem ser quantificados, pois, ela é uma pesquisa voltada para situações sociais, dessa maneira, se propõe explicar as práticas e ligações sociais. Sendo assim, aspectos não possíveis de quantificar.

De fato, o problema é de relevância social a desempenhar resultados relevantes ao ensino de Língua Portuguesa, porém, não podem ser mensurados. Para mais, dispôs-se da pesquisa exploratória que contribui para uma maior proximidade com o problema da sua pesquisa, como destaca Gil (2002 p. 41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Posto isso, as possibilidades de aprofundamento das suas análises por meio da pesquisa exploratória proporcionam um estudo mais aprofundado, considerando vários fatores referentes aos seus estudos

O instrumento da pesquisa utilizado foi um formulário, no qual é composto por questões abertas em que cada participante tem total liberdade de responder às perguntas sem limitações, utilizando sua linguagem própria para expressar suas opiniões (Marconi; Lakatos 2003 p. 204). Nesse tipo de formulário, elaborou-se perguntas subjetivas, destinadas ao público-alvo, que são os professores de Língua Portuguesa atuantes no Ensino Fundamental II. Especificamente, o questionário é composto por dez (10) questões. (Aragão; Neta, 2017 p. 36) abordam que:

Outro tipo de procedimento técnico de que o pesquisador pode lançar mão durante a sua pesquisa de campo leva o nome de questionário. O qual se caracteriza por um conjunto de perguntas dirigidas ao(s) provável(eis) informante(s), que pode ser enviado ao respondente com prazo certo de devolução ao coordenador da pesquisa. No uso deste tipo de formulário, o pesquisador deve formular uma série de perguntas claras, diretas e objetivas, eliminando subterfúgios e dúvidas de qualquer espécie.

Portanto, por ser procedimento técnico, deve ser bem articulado, desde a produção do formulário até suas devidas datas antecipadamente estipulados para entrega. Torna-se um elemento importante para ampliação dos conhecimentos acerca pesquisa.

Para tanto, foram escolhidos três (3) professores com o critério de que todos possuem uma experiência significativa no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Sendo assim, possuem grande familiaridade com o tema proposto na pesquisa.

Solicitou-se que respondessem ao questionário do *Google Forms*, que segundo Mota (2019, p. 373) é:

(...) é um aplicativo que pode criar formulários, por meio de uma planilha no Google Drive. Tais formulários podem ser questionários de pesquisa elaborados pelo próprio usuário, ou podem ser utilizados os formulários já existentes. É um serviço gratuito, basta apenas ter uma conta no Gmail. Dessa forma, os formulários ficam armazenados no Servidor do Google, podendo ser acessado de qualquer lugar e não ocupam espaço no computador.

Assim, por ser um aplicativo que possibilita a criação de formulários, possibilitando que qualquer pessoa construa um questionário em concordância com o que se deseja buscar na sua pesquisa, tornando-se um instrumento favorável para o processo de coleta do seu estudo.

Ademais, vale ressaltar que os professores participantes do formulário, aceitaram de livre e espontânea vontade contribuir com a pesquisa. Foi estabelecido

um prazo viável para que eles respondessem o questionário com intuito de não os sobrecarregar e, assim, respondessem com tempo hábil e sem pressão. Inicialmente, foi feito um contato prévio com os docentes via *WhatsApp*, informando sobre a pesquisa e um pouco sobre o formulário que seria disponibilizado para eles, caso aceitassem participar.

Posto isso, o *link* de acesso ao questionário para o primeiro docente, que aceitou participar da pesquisa, foi enviado no dia 23 de março de 2024 com prazo de devolução até o dia 10 de abril de 2024. Para o segundo docente, o *link* foi disponibilizado no dia 12 de abril de 2024 com prazo de devolução estendido até o dia 20 de abril de 2024. O terceiro docente teve acesso ao *link* no dia 08 de maio de 2024 e a devolutiva foi feita dia 22 de maio de 2024.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, consta os respectivos resultados do questionário que foi disponibilizado e respondido pelos professores, bem como as análises das respostas. Os três professores que participaram da pesquisa foram nomeados como: (A, B, C). Esta nomeação foi feita com o intuito de preservar o anonimato dos professores – sujeitos participantes desta pesquisa. Vale ressaltar que as repostas do questionário não sofreram nenhuma alteração, evidenciando originalidade às respostas. O formulário com o questionário e as respostas constam no apêndice.

Inicialmente, com a intenção de conhecer um pouco sobre os professores, perguntou-se aos docentes:

Há quanto tempo está formado (a) na área e quanto tempo tem experiência como docente de Língua Portuguesa, sua atuação é somente no Ensino Fundamental e você tem alguma especialização?

Os professores participantes da pesquisa responderam que:

A: 7 anos de experiência

Há 10 anos. Atuo apenas no Ensino Fundamental. Sou especializada em Literatura e Libras.

B: Exerço minha profissão há 26 anos e como docente em língua portuguesa há 20 anos. Tenho especialização em metodologia do ensino superior e gestão e supervisão escolar.

C: Estou formado a 15 anos, tenho 16 anos de 12 anos de experiência na docência, a maior parte do tempo (10 anos) atuei e atuo no ensino fundamental, mas já trabalhei por 2 anos no Ensino Médio. Possuo especialização e Gestão, supervisão e orientação educacional.

Assim, percebe-se que todos são profissionais experientes na área da educação, especificamente, em Língua Portuguesa, com especializações necessárias para atuar na área. Todos são atuantes, principalmente, no Ensino Fundamental II. É importante conhecer a realidade da formação dos docentes, porque “ter clareza de como se encontra a formação de professores na atualidade é sempre importante, quando se tem a intenção de desenvolver ações que possam estabelecer melhorias futuras” (Nascimento; Araújo; Munhoz, 2016, p. 432).

Dessa forma, é crucial conhecer a formação base e continuada dos docentes, uma vez que, tendo em vista que “(...) a formação continuada é essencial, porque possibilita ao professor ampliar e melhorar as ações que caracterizam a prática pedagógica” (Nascimento; Araújo; Munhoz, 2016; 438).

Logo após essas perguntas voltadas para a profissionalização dos nossos professores, questionou-se suas práticas docentes. Perguntando:

Considerando que a língua materna é a primeira língua aprendida por nós seres humanos, conseqüentemente, será a língua mais usada por seus falantes. Esse uso foge das regras impostas pela Gramática. Sendo assim, como você contextualiza o ensino de língua materna e da Gramática na sala de aula?

A: Usos vários recursos

A gramática é apresentada sempre de forma contextualizada e seu uso esclarecido dentro dos padrões normativos e relacionado com as variedades linguísticas.

B: Sabemos que a criança já traz consigo sua língua materna, o que se torna difícil trabalhá-la associada à gramática, um dos fatores é o seu tempo de permanência na escola. Como docente devemos auxiliar o usuário e falante no conhecimento da sua própria língua materna, oportunizando características essenciais que pertencem à sua cultura. Trabalhando de forma harmoniosa na relação entre o ensino da gramática normativa e à contextualizada, sem descartar as regras, às quais são necessárias para o desenvolvimento social e cultural dos alunos.

C: Trabalhando não somente uma gramática, mas a gramática intuitiva (internalizada de cada indivíduo) e também a gramática da variante de prestígio. Valorizando fortemente a riqueza da variação linguística em contraponto a imposição de normas não usuais da gramática normativa (a exemplo do absoluto pronome "vós").

Diante do exposto, percebe-se que os professores atuam com o ensino de uma Gramática contextualizada, buscando construir um ensino que estabeleça relações entre a gramática e os diversos fatores lexicais. Antunes (2014 p. 47) aponta como sendo relevante tal ensino:

A relevância dessa gramática contextualizada está, exatamente, na decisão de não isolar os elementos gramaticais de outros lexicais ou textuais, mas, ao contrário, ver a gramática tecendo, junto com outros constituintes, os sentidos expressos.

Adepto de uma abordagem gramatical contextualizada, o professor traz a possibilidade de que a Gramática não seja vista como um elemento isolado, mas sim, participativo de diversos contextos que juntos fornecem diferentes possibilidades de atribuição.

No entanto, a professora B, antes de informar como contextualiza o ensino de língua internalizada e de Gramática, ela afirma que o aluno já chega na escola com conhecimento da língua materna e que fica mais difícil trabalhar com a Gramática. Consoante a isso, os PCNs afirmam que “A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades – aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes” (Brasil, 1998 p. 81). Como apontado pelo professor B, existesse conhecimento linguístico que o discente já conhece, o que para ele torna-se mais difícil trabalhar associada a Gramática.

Ainda é possível destacar que o professor C atribui a sua postura docente à valorização das variações linguísticas e também à gramática internalizada dos alunos. Tal gramática é tida como uma gramática interna, que foi adquirida naturalmente pelos indivíduos em decorrência do seu contexto de criação (Duarte; Serra, 2015).

A terceira pergunta indagou o seguinte:

Quais as dificuldades que você enfrenta com a oralidade em sala de aula? Os alunos compreendem com clareza, ou existe a necessidade de adaptação da sua linguagem?

A: Os alunos

Os alunos entendem com clareza, pois faço adequação da linguagem utilizada para que a comunicação seja estabelecida.

B: Timidez, falta de confiança entre outras.

Compreendem com clareza, porém, dependendo do conteúdo abordado tenho que adapta-la à realidade dos alunos.

C: É necessário trabalhar o conhecimento lexical do discentes. Isso é processual e é necessário ter paciência. Também percebo a necessidade de um trabalho voltado as habilidades de exposição oral em situações formais e informais.

Assim, nota-se uma preocupação na adequação dos docentes em relação a linguagem utilizada no contexto escolar com seus alunos, existindo uma percepção relevante sobre tais adaptações na linguagem usual. Dessa maneira, os professores reconhecem as variedades dos alunos.

A esse respeito, Pereira *et al.* (2023, p. 33851) conclui e que “(...) a necessidade do profissional da educação de reconhecer a imensa diversidade linguística existente em nossos falantes brasileiros.” Assim, é indispensável que as variedades sejam reconhecidas pelos docentes, pois, havendo esse reconhecimento, o professor precisa também adequar a sua linguagem.

Ademais, tal reconhecimento não deve vir somente do professor, mas da própria escola, como também aponta Pereira *et al.* (2023, p. 33851): “(..) é fundamental a escola reconhecer as diferentes características linguísticas utilizadas por seus alunos. Além disso, é necessário que ela os capacite para expandir seus repertórios linguísticos.”

Portanto, no trabalho com a linguagem é necessário que se estabeleça as diferenças entre o uso da fala e escrita, uso do formal e informal. Como bem pontuou o docente C, sobre essa necessidade de exposição dessas diferenças. Em relação a isso Antunes (2014 p. 55) declara:

No trabalho com a linguagem, pois, não se pode perder de vista as especificações dos contextos de uso da fala e da escrita (mais formais, menos formais, menos informais, mais informais com as particularidades decorrentes de cada espaço cultural (a fala de casa não é igual àquela que usamos em nosso ambiente de trabalho ou mesmo de entretenimento; tampouco escrevemos sempre no mesmo registro, independentemente das circunstâncias).

Sobre o trabalho com a linguagem, existe a necessidade tanto adaptação da própria linguagem do docente, quanto dos discentes se depararem com tais usos para assim, conhecerem e conseguirem apontar diferenças de usos entre essas linguagens e seus determinados contextos.

O quarto questionamento foi sobre seus instrumentos didáticos:

Quais instrumentos didáticos você utiliza para a abordagem do ensino de Gramática no Ensino Fundamental?

A: Lousa e pincel

Livro didático, gramática da língua portuguesa, recursos audiovisuais, textos de diversos gêneros, jogos interativos, etc.

B: Realizo atividades orais em sala de aula para facilitar o ensino da língua portuguesa, além de contribuir para as práticas sociais dos alunos. Trabalho com leitura e interpretação textual associada à gramática. Entre os gêneros textuais trabalhados posso citar: fábulas, receitas, HQ, poemas, crônica etc. promovendo a interação social da linguagem; além disso, as crianças podem tanto escrever ampliando os conceitos de gramática, quanto fazer a leitura dessas obras. (Roda de leitura, seminários, recitais, roda de conversa, leitura dramatizada, aulas expositivas são algumas das metodologias utilizadas com o auxílio de data show, cartazes, textos impressos, caixa de som, microfone, livros paradidáticos etc.

C: Textos reais, não frases inventadas. Procuo trabalhar de forma contextualizada a análise linguística, comparando o uso real da língua, as variantes do português brasileiro, a língua falada, a escrita e o que se impõe (a gramática normativa).

Em vista das colocações, percebe-se que o professor A, foi bem vago na sua resposta, citando apenas seus instrumentos sem contextualizar como faz essa utilização. Enquanto os professores B e C foram mais profundos em suas respostas. Posto isso, percebe-se que os professores B e C priorizam, no momento da escolha dos recursos didáticos para ministrarem suas aulas, materiais que ampliem conhecimentos linguísticos dos discentes, fazendo tais abordagens por meio de diversos gêneros textuais, focalizando no essencial para qualquer estudo que é a leitura e a escrita. Como afirma Antunes (2014, p. 61):

Não podemos deixar de frisar, portanto, que a prioridade máxima do professor de português é garantir o acesso de todos ao domínio da leitura e da escrita. Consequentemente, a aprendizagem da gramática tem que ser contextualizada, em textos reais, e apoiada pela observação das funções comunicativas que são pretendidas nesses textos.

Desse modo, ensinar os alunos a lerem e obterem uma competência significativa na escrita, advém de um trabalho necessário voltado para uma boa escolha na metodologia do professor, desde a consideração de fatores linguísticos até à utilização de uma abordagem gramatical contextualizada.

É plausível ressaltar, que os professores adotam diversos meios para que os alunos consigam compreender e aprender os assuntos propostos, o que é

extremamente necessário. Corroborando com isso, Costa e Coutinho (2020) perceberam em sua pesquisa que a busca por novos instrumentos de ensino deve ser adotada, por exemplo, buscar trabalhar com gêneros textuais diversos, músicas, jogos, projetos que oportunizam a participação geral da escola, aderir também aos recursos tecnológicos, visando tornar as aulas diárias mais dinâmicas. Além de buscar incentivar o aluno a conhecer novos temas relacionados à linguagem e ao mundo.

O quinto questionamento foi:

Na sua opinião, os métodos tradicionais do ensino de Gramática no Ensino Fundamental garantem uma aprendizagem efetiva?

A: Depende, não sei!

Quando são aplicados sozinhos, não.

B: Sim. Desde que trabalhados de forma dinâmica e significativa para o aluno.

C: Não. O ensino tradicional trabalha de maneira descontextualizada e sem valorização da língua como objeto e fenômeno dinâmico social fomentando o preconceito linguístico.

Diante das respostas dos docentes, observa-se que existe dúvidas por parte do docente A em relação ao ensino tradicional e sua efetividade. O que já não ocorre com o B, que afirma que tal abordagem pode sim, garantir uma certa efetividade, mas desde que sejam trabalhados de forma significativa. No entanto, para que exista esse trabalho significativo é pertinente que a Gramática tradicional considere os diferentes usos e não somente sua ideia. Sobre o exposto, Araújo Oliveira (2019 p.119) informa que:

Tivemos que aguardar o século XX e a força da revolucionária corrente linguística chamada Sociolinguística para, de fato, começarmos a “abrir os olhos” sobre a questão do preconceito linguístico, instituído e mantido pela GT (Gramática Tradicional) ao longo dos séculos, e por todas as práticas de poder que mantiveram quase que inalterado o valor da GT. Assim, a segunda questão que colocamos aqui, em relação ao ensino de GT no nível básico, é que a língua é diversa, logo o estudo da norma padrão de uma língua não pode silenciar a reflexão sobre essa condição de qualquer língua: as suas diferenças dentro da sua unidade. A diversidade da língua precisa ser abordada e analisada na escola, como forma de compreender o papel do ideológico na significação da língua e de suas normas e, com isso, buscar instrumentalizar o aluno para o conhecimento crítico a respeito de seu idioma.

Assim, o ensino tradicional, não é individualmente o que garante a efetividade de uma aprendizagem em relação ao ensino de Gramática. Pois, essa efetividade pode ser adquirida por meio de muitas considerações. Tal ensino só reforça o preconceito linguístico, que graças à Sociolinguística foi possível analisar os fatores que podem influenciar a continuidade desse preconceito. O professor C é o único que responde adequadamente sobre essa questão de o preconceito linguístico ser favorecido com esse tipo de ensino tradicional e estruturalista da língua.

Nessa mesma linha de raciocínio do docente C, os PCNs criticam também o ensino tradicional, uma das suas críticas é que “o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas “ (Brasil, 1988, p. 18). Salientam, assim, a mesma concepção do professor em relação sobre o ensino descontextualizado.

Em uma entrevista realizada com Marcos Bagno, no contexto de uma das perguntas, ele acaba falando sobre o ensino tradicional, e afirma “O ensino tradicional não faz sentido, é um saber para nada. Por isso o repúdio que a maioria das pessoas têm pelas aulas de língua, o que é um absurdo” (Philippsen; Santos, 2016, p. 210). Concordando assim, também com o não favorecimento desse ensino, igualmente o docente C.

A próxima pergunta foi, então, uma forma de buscar compreender quais os pontos positivo e negativo desse tipo de ensino tradicional.

Quais os pontos positivos e negativos tanto do ensino tradicional quanto do ensino mais dinâmico e interativo na abordagem gramatical?

A: Nenhuma

A ensino tradicional não deve ser totalmente abandonado, pois ele garante a objetividade no ensino de gramática, no entanto deve acontecer intercalado com o ensino mais dinâmico, uma vez que o público estudantil tem mudado bastante devido, principalmente, ao avanço tecnológico e à mudança na forma de relacionamento e interação sociais.

B: Positivos: -O professor é o mediador do aprendizado; -O aluno constrói o conhecimento. Negativos: -O aluno tem o papel passivo no aprendizado; -O intuito é a padronização.

C: Para ser sincero do ensino tradicional tem como aspecto negativo a falta de valorização das variantes da língua, o que algo que existe em todos os idiomas da

terra. O ensino interativo e dinâmico conecta o conhecimento de gramáticas ao uso real da língua valorizando as identidades sociais das variantes da língua portuguesa brasileira.

Conforme o exposto pelo professor A, o ensino tradicional não deve ser totalmente abandonado, mas se dinamizado e intercalado com outras estratégias de ensino. Dialogando assim, com Campelo e Karim (2017 p. 21), que defendem o ensino da norma padrão, tendo em vista que a escola deve incluir os discentes no social, ressaltando que o problema é como que esse ensino está sendo abordado, algumas vezes estimulando o preconceito.

Em relação ao que o professor B pontuou, sobre o ponto positivo do ensino tradicional. Ele afirma que é o professor ser mediador do conhecimento a ser repassado, o que se percebe é que houve um equívoco, talvez resultado da sua própria compreensão acerca do ensino tradicional, pois no ensino tradicional o professor não é mediador, mas detentor de todo o conhecimento. Os alunos não têm a possibilidade de participar ativamente e serem protagonistas de suas aprendizagens. O protagonista é o professor, aluno é apenas um espectador (Libâneo, 1991).

Quanto ao ensino de Língua Portuguesa em que o aluno é colocado como protagonista, os PCNs (Brasil, 1998, p. 22) asseveram:

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem.

Assim, o docente tem a tarefa crucial no desenvolvimento da aprendizagem dos seus alunos, em vista disso, por ser o mediador ele pode lançar mão de diversos meios para desenvolver os conhecimentos dos seus alunos.

Dialogando com o que o professor C abordou, enfatizando que o ensino tradicional não valoriza as variantes da língua, Garcia; Manoel (2018 p. 160) abordou que:

É inegável que o ensino unicamente gramatical contribui para a reprodução do preconceito linguístico e para alimentar visões discriminatórias das variedades linguísticas, mas, por outro lado, se realmente desejamos ter êxito no ensino de língua materna, é exigência de primeira necessidade que alteremos nossa concepção de língua, de gramática e de ensino de língua.

Sendo assim, ambos dialogam enfatizando que o ensino tradicional, que privilegia a gramática, não possibilita a reflexão sobre as variedades linguísticas, mas sim, para a proliferação do preconceito linguístico. Mas, ao almejar por um ensino não-tradicional, é importante a reformulação das concepções que são atreladas à Gramática, à língua e à própria forma de ensiná-la para que ocorra uma maior consciência sobre o uso real dela.

O sétimo questionamento foi:

Levando em consideração que a contextualização do ensino de Gramática e a consideração dos aspectos linguísticos dos educandos são fatores consideráveis para a abordagem da norma padrão. Qual Gramática deve se ensinar na escola?

A: Tudooo

A gramática normativa deve ser ensinada, mas a gramática descritiva também deve ser apresentada aos alunos.

B: A gramática normativa; utilizando métodos dinâmicos e eficientes ao transmitir o conteúdo, sistematizando o conhecimento do discente.

C: Aquelas que estão mais atualizadas com o que há de mais moderno e científico na ciência Linguística do que é a língua, fenômeno humano variável e dinâmico no espaço, tempo, cultura, classes sociais etc.

Fazendo uma ponte com o que o docente A respondeu, em que tudo precisa ser ensinado, supõe-se que não só uma Gramática precisa ser ensinada, como aponta Carvalho e Souza (2018, p. 43):

O professor deve ter o conhecimento de que não existe apenas “a gramática” mais “as gramáticas” e que uma não é mais importante e útil que as outras, visto que todas compõem uma mesma língua. Conhecer e orientar os alunos para tais é fundamental e urgente.

Em vista disso, entende-se que o professor deve possibilitar aos alunos o ensino não somente da Gramática Normativa. Mas sim, das gramáticas em geral. Pois, dessa forma o aluno terá mais autonomia e segurança ao se deparar com essas gramáticas.

O docente B diz que a Gramática Normativa deve ser ensinada, porém, de forma contextualizada. Consoante a isso, Travaglia (2009, p.30) afirma que:

“Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita”.

A oitava pergunta foi:

Quais as perspectivas que os discentes adotam quando se deparam com o ensino da Gramática Normativa na sala de aula?

A: Bomm

No ensino Fundamental os alunos ainda têm pouca consciência da importância do ensino de gramática para a vida escolar e social.

B: Que a aprendizagem da gramática é apenas obrigatória e não fundamental no seu cotidiano. Porém, alguns já tem conhecimento de que a língua portuguesa é essencial e indispensável na sua vida tanto escolar como social. Passando a valorizá-la como deve ser.

C: Aflição por não saberem essa "outra língua" que é baseada com as regras antiquadas da língua portuguesa com regras de Portugal e não valorização da gramática do português brasileiro.

Na resposta A, pode-se perceber que existe uma falta de consciência dos alunos do Ensino Fundamental sobre a importância do ensino de Gramática e para que essa consciência seja construída (...) “Cabe o professor descobrir maneiras que motivem o aluno a usar a norma culta em contextos específicos, ajudando aquele a dirimir o fosso que existe entre a variedade trazida do contexto domiciliar e a norma culta.” (...) (Pereira *et al.*, 2015, p. 9). O docente precisa trazer isso de maneira que os discentes reflitam sobre os variados usos, tanto na fala, quanto na escrita.

Diante das colocações dos docentes, observa-se que existe uma ligação com o que Uehara (2019 p. 230) concluiu, quando finalizou o estágio do seu Curso de Letras, estabelecendo uma relação com o que o docente C colocou:

Conclui-se dessa maneira para a falta de interesse dos alunos pela disciplina da gramática, principalmente abordada da maneira tradicional, os alunos passam a não compreender suas regras e normas, identificando-as como muito abstratas e longe de sua realidade.

Diante do que foi registrado, entende-se que a falta de interesse de alguns alunos relacionado ao ensino de Gramática pode estar relacionada à forma que ela

é colocada e, como também colocou o professor C, podem ser questões desconhecidas para eles, por estarem - muitas vezes - fora da sua realidade, tida assim, como uma “outra língua” como pontuou o professor.

A nona indagação questiona sobre os desafios de ensinar Língua Portuguesa, conforme as regras gramaticais.

Quais os maiores desafios no ensino da Norma Padrão da Língua Portuguesa?

A: Nadaaa

O uso constante das linguagens digitais que tem se intensificado com a expansão das redes sociais e internet, vem dificultando o ensino de gramática, pois os alunos passam a utilizar essas linguagens com muita frequência e acabam ignorando a necessidade e importância da norma padrão.

B: -Leitura, interpretação e compreensão textual; -Alfabetização dos alunos que não leem, pois somente codificam, mas não interpretam; dificultando dessa forma a compreensão dos assuntos abordados. -Diminuir o preconceito linguístico trabalhando a norma padrão de acordo com a realidade do aluno.

C: A falta de formação continuada voltada para o ensino da gramática contextualizada, a diferença entre norma padrão e norma culta.

Desse modo, observa-se que o docente A, inicialmente radicaliza sua resposta, com “Nadaa”. Somente depois, ele coloca sua resposta, pontuando a questão tecnológica, que por mais que traga diversos meios para expandir conhecimentos tecnológicos, pode também prejudicar a busca por esses conhecimentos.

Da mesma forma que acontecem os avanços tecnológicos, ocorrem os avanços e mudanças na língua. De igual maneira, os seus usuários são influenciados por essas mudanças, tanto nas tecnologias, quanto na língua. Em uma pesquisa feita por Costa e Coutinho (2020, p.7) diz que:

É superficial o ensino da linguagem culta. As crianças na maioria das vezes não sabem utilizar o dicionário. Tem dificuldades de compreensão da leitura e da escrita. Utilizam celulares, tablets, computadores, muitos tem acesso as redes sociais, mas com bastante erros ortográficos e cheias de vícios de linguagem escrita. Geralmente os estudantes utilizam a tecnologia para jogos. Os pais sabem que as crianças utilizam a tecnologia na escola e aprovam.

Considerando tais questões, existe uma grande utilização de recursos tecnológicos, porém, para jogos. E nesse meio tecnológico fica em evidência que a leitura e escrita são deixadas de lado, causando – conseqüentemente - danos à aprendizagem. Essa ausência da leitura e compreensão textual, dificulta o entendimento dos discentes no momento das abordagens dos assuntos propostos em sala de aula com bem pontuou o professor B.

Vale ressaltar, que ambos os professores A e B, focaram mais nos alunos em suas respostas, já o docente C foi o único a focar na dificuldade da formação dos professores, pois, segundo ele, é um dos grandes desafios a serem vencidos. De acordo com os PCNs (Brasil, 1998, p. 67) a formação de professores:

[...] se coloca, portanto, como necessária para que a efetiva transformação do ensino se realize. Isso implica revisão e atualização dos currículos oferecidos na formação inicial do professor e a implementação de programas de formação continuada que cumpram não apenas a função de suprir as deficiências da formação inicial, mas que se constituam em espaços privilegiados de investigação didática, orientada para a produção de novos materiais, para a análise e reflexão sobre a prática docente, para a transposição didática dos resultados de pesquisas realizadas na lingüística e na educação em geral.

Dessa forma, apresenta-se como fundamental a formação continuada, uma vez que isso proporcionara visões diferentes do ensino inicial, trazendo transformações em conformidade com sua evolução.

O docente C, dialoga ainda com Campelo e Karim (2017 p. 29), quando salientam que será por meio de um bom investimento na formação do professor, ele será capaz de tornar suas aulas de Português valorativas em relação às identidades lingüísticas.

A última pergunta questionou:

Como seria possível melhorar significativamente o ensino de Língua Portuguesa?

A: Estruturando a base da educação, fazendo com os alunos, ainda crianças, desenvolvam bem a leitura, a escrita e a oralidade.

B: Ao transmitir os conteúdos utilizar métodos dinâmicos e eficientes; -Adotar novas práticas de ensino que vão propiciar ao corpo discente uma aprendizagem significativa; Utilizar recursos metodológicos bem como tecnológicos;

Portanto, é fundamental que o professor tenha acesso à recursos pedagógicos, a cursos de formação continuada que priorizem um ensino aprendizagem de qualidade, digno; valorizando a língua portuguesa para que torne os discentes cidadãos críticos e conscientes do seu papel perante a sociedade.

C: Com formação continuada dentro do contexto dos profissionais da educação, não só de língua portuguesa, mas de todos. Pois a LP é componente curricular transversal a todas as áreas do saber no Brasil.

Conforme o que foi perguntado para os professores, percebe-se que as respostas deles foram amplas, em decorrência também da amplitude da própria pergunta. Contudo, em decorrência do que destacaram os professores B e C, a formação continuada será uma das muitas possibilidades para as melhorias no ensino de Língua Portuguesa. Como também destacam Rodrigues, Lima e Viana (2017 p. 30):

Sabemos que em sua formação inicial, o professor não se detém de todos os saberes necessários para que atenda todas as necessidades de uma sala de aula, pois esta muda de acordo com cada realidade, e com isso, é necessário que o/a professor/a permaneça estudando, realizando uma formação continuada a fim de (re)aprender, ou (re)significar suas práticas diárias, buscando aprimorar seus conhecimentos e suas práticas.

Pois, com isso será possível adotar novas posturas diante da prática docente, contribuindo para uma postura docente mais atualizada. Posto que, se o docente está em constante formação, conseqüentemente ele aprenderá mais.

Ainda sobre o que foi colocado pelo professor B, sobre a melhoria do ensino por meio de aderir métodos dinâmicos e competentes, essa visão parece com o que Garcia e Manoel (2018 p.164) declara:

Percebe-se que o ensino de língua portuguesa perpassa por muitas dificuldades, não apenas com a forma de ensinar a gramática, mas também com a maneira que o professor pode desenvolver as suas aulas, ou seja, além de fornecer aos alunos uma orientação válida para a prática de produção de textos respaldada pelas regras gramaticais, deve-se encontrar métodos dinâmicos e eficientes ao transmitir o conteúdo. Não há uma receita mágica nem respostas milagrosas, o que deve ser feito é a adoção de novas práticas de ensino que vão propiciar ao corpo discente uma aprendizagem significativa.

Portanto, são inúmeros os problemas no ensino de Língua Portuguesa. Ainda, assim, é preciso que o professor busque por abordagens dinâmicas e significativas para que os alunos desenvolvam significativamente suas aprendizagens.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser um campo de estudo que analisa a língua e sua relação com a sociedade, a Sociolinguística leva em consideração vários aspectos como o contexto social, regional, econômico, entre outros e que eles podem diretamente influenciar a utilização da língua e a fala.

Muitos docentes desconsideram as variedades linguísticas dos seus alunos e as taxam como incorretas por considerar somente ao que a Gramática estabelece como imutável e homogênea. Porém, o que se evidencia é uma língua heterogênea e repleta de variações que fazem parte da realidade de todos os usuários da língua..

Dessa forma, compreende-se que, por meio de uma abordagem Sociolinguística, a abordagem gramatical pode se tornar mais reflexiva, ao invés de ser apenas uma proposta repleta de regras.

Vale ressaltar que o objetivo geral desta pesquisa foi demonstrar como a Sociolinguística pode contribuir para um ensino contextualizado e funcional da Gramática de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Tal objetivo foi alcançado, tendo em vista que as respostas dos professores, sujeitos participantes da pesquisa, demonstraram que existe a real necessidade de mais reflexões acerca do que se propõe a Sociolinguística Educacional nas aulas de Gramática.

Embora, em muitas situações de indagações, no questionário proposto para coleta dos dados, os professores tenham demonstrado compreender alguns aspectos desse ensino contextualizado da língua, o que se percebe é que ainda não se atingiu os objetivos, metas, competências e habilidades propostas nos documentos curriculares da educação brasileira.

Além disso, os autores e pesquisadores que fundamentam esta pesquisa, também demonstram que a Sociolinguística traz contribuições reflexivas, práticas e necessárias para a construção de um ensino de Língua Portuguesa em que se concretizem as funcionalidades e usos da própria língua.

Diante disso, no campo acadêmico, este estudo será de grande relevância para que os professores analisem a necessidade desse olhar sociolinguístico que é essencial para se perceber as diferentes realidades linguísticas existentes no âmbito social, proporcionando uma adequação do ensino de Gramática. No campo social, reitera-se as contribuições reflexivas acerca das variedades linguísticas presentes na sociedade.

Destaca-se que esta temática não foi sanada apenas nesta discussão epistemológica, na verdade, ficam as provocações científicas para futuras pesquisas que desejem ampliar o leque de reflexões sobre o ensino de Gramática nas aulas de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Gramática contextualizada: limpando "o pó das ideias simples"**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ARAGÃO, J. W. M. DE; NETA, M. A. H. M. **Metodologia Científica**. 1. ed. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017. v. 1.
- ARAÚJO OLIVEIRA, F. O ensino de gramática: reflexões e propostas. **Revista do Gelne**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 112–125, 2019. DOI: 10.21680/1517-7874.2019v21n2ID18036. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/18036>. Acesso em: 28 jun. 2024.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPELO, F. S. P.; KARIM, J. M. A importância da formação sociolinguística nas aulas de língua portuguesa do ensino básico. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 16–30, 2017. Disponível em: DOI: [10.30681/real.v10i1.1768](https://doi.org/10.30681/real.v10i1.1768). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/1768>. Acesso em: 28 jun. 2024.
- CARVALHO, L. F.; SOUZA, A. J. Ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa: um estudo acerca da gramática normativa. **Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística**. Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 38-51, ago.-dez. 2018.
- CAZAROTTI, M. L. B.; MIRANDA, A. R. A contribuição da sociolinguística para ao ensino de língua portuguesa. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 2, p. e327, 7jan. 2019.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G.H.; SOUZA, C.M.N. de (Orgs.) **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COSTA, M. M.; COUTINHO, D. G. A norma culta na atualidade: interferências e desafios para professores do ensino fundamental. **Revista Spacios** Vol. 41 (Nº 02)Ano 2020. Pág. 23. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a20v41n02/a20v41n02p23.pdf>. Acesso em: 22 de jun. de 2024.

DUARTE, M. E. L.; SERRA, Carolina. Gramática(s), ensino de português e “adequação linguística”. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 36, jan/jun. 2015.

GARCIA, L. O.; MANOEL, B. L. O ensino da gramática. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**, v. 5, n. 2, 2018.

GERALDI, J. W.. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GERHARDT, TE; SILVEIRA, DT. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M.M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

MARCUSCHI, L. A. O papel da Linguística no ensino de línguas. **Diadorim**, Rio de Janeiro, Revista 18 volume 2, p.12-31, Jul-Dez 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/5358>. Acesso em: 12 de jun. 2024.

MEILLET, A. Linguistique Historique et Linguistique Générale. In: **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.

MENEZES. A.; BARBALHO, C.; CASTANHEIRA, D. Ensino de gramática: desafios e perspectivas de trabalho. **Cad. Ens. Ling. Tecno.**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 25- 41, jan./jun. 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/5+Ensino+de+gram%C3%A1tica.pdf>. Acesso em: 23 de maio 2024.

MOTA, JS (2019). Utilização do Google Forms em pesquisa acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação**, 6, 372-380. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 22 de jun. 2024.

NASCIMENTO, M. C. M.; ARAÚJO, A.; MUNHOZ, C. M. E. Formação de Professores: um Olhar para a Realidade e Possibilidades. **Rev. Ens. Educ. Cienc. Human.**, Londrina, v.17, n.esp. Selitec 15/16, p.432-439, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/nathaliadias,+Gerente+da+revista,+8+-+Forma%C3%A7%C3%A3o+de+Professores.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2023.

PEREIRA, J. C. et al. A concepção de erro na perspectiva da sociolinguística e da gramática normativa: reflexões sobre ensino da língua materna. **Anais II CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15053>>. Acesso em: 10 de jun 2024.

PEREIRA, *et al.* O ensino de língua portuguesa e a sociolinguística: uma reflexão sobre as possibilidades e desafios na construção dos saberes linguísticos contemporâneos. **Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v.16, n.12, p. 33836-33855, 2023.

PESSOA DOS SANTOS, E. K.; SILVA DE ARAGÃO, M. S. Sociolinguística e o ensino de língua portuguesa: uma abordagem pedagógica para sala de aula. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**, v. 5, n. 15, p. 307–323, 16 Jun 2020 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/13958>. Acesso em: 28 jun 2024.

PHILIPPSEN, N. I.; SANTOS, L. I. S. Entrevista com Marcos Bagno: Nada por acaso, um olhar sobre inquietações sociolinguísticas contemporâneas. **Revista de Letras Norteamericanas**. Dossiê: Interfaces Sociolinguísticas, Sinop, v. 9, n. 20, p. 203-219, outubro 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamericanas/article/view/7202> Acesso em: 28 jun. 2024.

RAMINHO, E. G.; SILVA, M. C. M.; BRITO, R. O. A formação inicial de professores e o ensino de língua materna: contextos contemporâneos. **Educação, Sociedade & Culturas**, nº 60, 2021, 117-131. Disponível em: <https://doi.org/10.24840/esc.vi60.365>. Acesso em: 28 jun. 2024.

RIBEIRO, T. L.; RAMOS PINTO, V. M. A Sociolinguística Educacional na formação do professor: crenças e atitudes linguísticas de acadêmicos de Letras. **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 97–116, 2019. DOI: 10.13102/cl.v19i3.3574. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/3574>. Acesso em: 28 jun. 2024.

RODRIGUES, P. M. L.; LIMA, H. S. R.; VIANA, M. A. P. A importância da formação continuada de professores da educação básica: a arte de ensinar e o fazer cotidiano. **Revista saberes docentes em ação**, 2017. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/p/semad/revista-saberes-docentes-em-acao-edicao-2017>. Acesso em: 28 de jun. 2024.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1999 SOUSA, I.

S.; ANAGONOU, S. Repensando o ensino de gramática: o papel da sociolinguística. **Web Revista Sociodiaeto**, [S. l.], v. 10, n. 29, p. 151–156, 2020. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodiaeto/article/view/8048>. Acesso em: 28 jun. 2024.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação** - uma proposta para o ensino de gramática no 14º ed . São Paulo: Cortez, 2009.

UEHARA, J. M. Repensando o ensino de Gramática Normativa e seus métodos para a sala de aula. v. 1 n. 3 (2019): **Anais do 3º ESTAGIAR – Encontro do Estágio de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://anais.uel.br/portal/index.php/estagiar/article/view/2039>. Acesso em: 24 de jan.2024.

APÊNDICE

APÊNDICE A – FORMULÁRIO COM PERGUNTAS E RESPOSTAS DA ENTREVISTA REALIZADA COM OS TRÊS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Formulário sem título

[Publicar análise](#)

Há quanto tempo está formado(a) na área e quanto tempo tem experiência como docente de Língua Portuguesa, sua atuação é somente no Ensino Fundamental evocêtem alguma especialização?

4 respostas

7 anos de experiência

Há 10 anos. Atuo apenas no Ensino Fundamental. Sou especializada em Literatura e Libras.Exerço minha profissão há 26 anos e como docente em língua portuguesa há 20 anos.
Tenho especialização em metodologia do ensino superior e gestão e supervisão escolar.

Estou formado a 15 anos, tenho 16 anos de 12 anos de experiência na docência, a maior parte do tempo (10 anos) atuei e atuo no ensino fundamental, mas já trabalhei por 2 anos no Ensino Médio. Possuo especialização e Gestão, supervisão e orientação educacional.



Considerando que a língua materna é a primeira língua aprendida por nós seres humanos, conseqüentemente, será a língua mais usada por seus falantes. Esse uso foge das regras impostas pela Gramática. Sendo assim, como você contextualiza o ensino de língua materna e da Gramática na sala de aula?

4 respostas

Usos vários recursos

A gramática é apresentada sempre de forma contextualizada e seu uso esclarecido dentro dos padrões normativos e relacionado com as variedades linguísticas.

Sabemos que a criança já traz consigo sua língua materna, o que se torna difícil trabalhá-la associada à gramática, um dos fatores é o seu tempo de permanência na escola.

Como docente devemos auxiliar o usuário e falante no conhecimento da sua própria língua materna, oportunizando características essenciais que pertencem à sua cultura. Trabalhando de forma harmoniosa na relação entre o ensino da gramática normativa e a contextualizada, sem descartar as regras, às quais são necessárias para o desenvolvimento social e cultural dos alunos.

Trabalhando não somente uma gramática, mas a gramática intuitiva (internalizada de cada indivíduo) e também a gramática da variante de prestígio. Valorizando fortemente a riqueza da variação linguística em contraponto a imposição de normas não usuais da gramática normativa (a exemplo do absoluto pronome "vós").

Quais as dificuldades que você enfrenta com a oralidade em sala de aula? Os alunos compreendem com clareza, ou existe a necessidade de adaptação da sua linguagem?

4 respostas

Os alunos

Os alunos entendem com clareza, pois faço adequação da linguagem utilizada para que a comunicação seja estabelecida.

Timidez, falta de confiança entre outras.

Compreendem com clareza, porém, dependendo do conteúdo abordado tenho que adaptá-la à realidade dos alunos.

É necessário trabalhar o conhecimento lexical dos discentes. Isso é processual e é necessária a paciência. Também percebo a necessidade de um trabalho voltado às habilidades de exposição oral em situações formais e informais.



Quais instrumentos didáticos você utiliza para a abordagem do ensino de Gramática no Ensino Fundamental?

4 respostas

Lousa e pincel

Livro didático, gramática da língua portuguesa, recursos audiovisuais, textos de diversos gêneros, jogos interativos, etc.

Realizo atividades orais em sala de aula para facilitar o ensino da língua portuguesa, além de contribuir para as práticas sociais dos alunos.

Trabalho com leitura e interpretação textual associada à gramática. Entre os gêneros textuais trabalhados posso citar: fábulas, receitas, HQ, poemas, crônica etc. promovendo a interação social da linguagem; além disso, as crianças podem tanto escrever ampliando os conceitos de gramática, quanto fazer a leitura dessas obras.

(Roda de leitura, seminários, recitais, roda de conversa, leitura dramatizada, aulas expositivas são algumas das metodologias utilizadas com o auxílio de data show, cartazes, textos impressos, caixa de som, microfone, livros paradidáticos etc.

Textos reais, não frases inventadas. Procuro trabalhar de forma contextualizada a análise linguística, comparando o uso real da língua, as variantes do português brasileiro, a língua falada, a escrita e o que se impõe (a gramática normativa).

Na sua opinião, os métodos tradicionais do ensino de Gramática no Ensino Fundamental garantem uma aprendizagem efetiva?

4 respostas

Depende, não sei!

Quando são aplicados sozinhos, não. Sim.

Desde que trabalhados de forma dinâmica e significativa para o aluno.

Não. O ensino tradicional trabalha de maneira descontextualizada e sem valorização da língua como objeto e fenômeno dinâmico social fomentando o preconceito linguístico.



Quais os pontos positivos e negativos tanto do ensino tradicional quanto do ensinomaís dinâmico e interativo na abordagem gramatical?

4 respostas

Nenhuma

A ensino tradicional não deve ser totalmente abandonado, pois ele garante a objetividade no ensino de gramática, no entanto deve acontecer intercalado com o ensino mais dinâmico, uma vez que o público estudantil tem mudado bastante devido, principalmente, ao avanço tecnológico e à mudança na forma de relacionamento e interação sociais.

Positivos:

- O professor é o mediador do aprendizado;
- O aluno constrói o conhecimento.

Negativos:

- O aluno tem o papel passivo no aprendizado;
- O intuito é a padronização.

Para ser sincero do ensino tradicional tem como aspecto negativo a falta de valorização das variantes da língua, o que algo que existe em todos os idiomas da terra. O ensino interativo e dinâmico conecta o conhecimento de gramáticas ao uso real da língua valorizando as identidades sociais das variantes da língua portuguesa brasileira.

Levando em consideração que a contextualização do ensino de Gramática e a consideração dos aspectos linguísticos dos educandos são fatores consideráveis para a abordagem da norma padrão. Qual Gramática deve se ensinar na escola?

4 respostas

Tudo

A gramática normativa deve ser ensinada, mas a gramática descritiva também deve ser apresentada aos alunos.

A gramática normativa; utilizando métodos dinâmicos e eficientes ao transmitir o conteúdo, sistematizando o conhecimento do discente.

Aquelas que estão mais atualizadas com o que há de mais moderno e científico na ciência Linguística do que é a língua, fenômeno humano variável e dinâmico no espaço, tempo, cultura, classes sociais etc.



Quais as perspectivas que os discentes adotam quando se deparam com o ensino da Gramática normativa na sala de aula?

4 respostas

Bomm

No ensino Fundamental os alunos ainda têm pouca consciência da importância do ensino de gramática para a vida escolar e social.

Que a aprendizagem da gramática é apenas obrigatória e não fundamental no seu cotidiano. Porém, alguns já tem conhecimento de que a língua portuguesa é essencial e indispensável na sua vida tanto escolar como social. Passando a valorizá-la como deve ser.

Aflicção por não saberem essa "outra língua" que é baseada com as regras antiquadas da língua portuguesa com regras de Portugal e não valorização da gramática do português brasileiro.

Quais os maiores desafios no ensino da norma padrão da Língua Portuguesa?

4 respostas

Nadaaa

O uso constante das linguagens digitais que tem se intensificado com a expansão das redes sociais e internet, vem dificultando o ensino de gramática, pois os alunos passam a utilizar essas linguagens com muita frequência e acabam ignorando a necessidade e importância da norma padrão.

-Leitura, interpretação e compreensão textual;

-Alfabetização dos alunos que não leem, pois somente codificam mas não interpretam; dificultando dessa forma a compreensão dos assuntos abordados.

-Diminuir o preconceito linguístico trabalhando a norma padrão de acordo com a realidade do aluno.

A falta de formação continuada voltada para o ensino da gramática contextualizada, a diferença entre norma padrão e norma culta.



Como seria possível melhorar significativamente o ensino de Língua Portuguesa?

4 respostas

10 de 10

Estruturando a base da educação, fazendo com os alunos, ainda crianças, desenvolvam bem a leitura, a escrita e a oralidade.

- Ao transmitir os conteúdos utilizar métodos dinâmicos e eficientes;
- Adotar novas práticas de ensino que vão propiciar ao corpo discente uma aprendizagem significativa;
- Utilizar recursos metodológicos bem como tecnológicos;
- Portanto, é fundamental que o professor tenha acesso à recursos pedagógicos, a cursos de formação continuada que priorizem um ensino aprendizagem de qualidade, digno; valorizando a língua portuguesa para que torne os discentes cidadãos críticos e conscientes do seu papel perante a sociedade.

Com formação continuada dentro do contexto dos profissionais da educação, não só de língua portuguesa, mas de todos. Pois a LP é componente curricular transversal a todas as áreas do saber no Brasil.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários